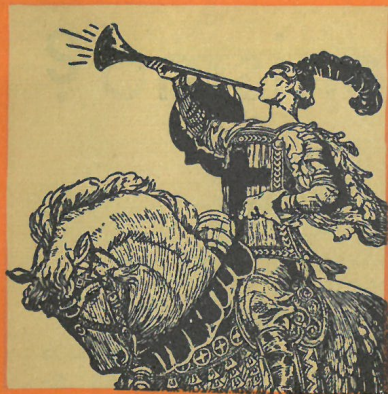




BOLETIM ADVENTISTA

ANO XII - N.º 136

ABRIL - 1974

O Apocalipse e a segunda vinda de Cristo

Este livro, o Apocalipse, pensem outros o que quiserem, é a mais admirável das profecias. Tem manifestamente por objectivo os tempos relacionados com a vinda do Senhor, prediz todos os principais acontecimentos que devem precedê-la. Nele se encontra uma descrição grandiosa do aparecimento de Jesus Cristo em magestade e glória...

O título do livro indica bem o seu objecto, o seu alvo determinado: Revelação de Jesus Cristo. Este título, até agora, não tem sido todo sermão num sentido passivo como se quisesse dizer uma revelação feita por Cristo a alguém e relativa a factos escondidos e futuros.

Mas, por mais que tenha lido e relido estas palavras, e as tenha relido igualmente nas epístolas de S. Paulo e de S.

Pedro, nunca lhes encontrei um sentido passivo. Muito pelo contrário. Uma vez, uma única vez, S. Paulo, a propósito de certa coisa, diz que recebeu por revelação de Jesus Cristo o evangelho que ele pregava (Gálatas 1, 12). Mas, fora disso, a expressão revelação de Jesus Cristo significa sempre, a manifestação, a vinda, do Senhor que aguardamos...

Não é pois apenas provável, mas certo, que o Apocalipse... é a mais maravilhosa das profecias consagradas ao aparecimento e vinda do Senhor.

As palavras com que começa, bem como a saudação que as segue, confirmam plenamente esta declaração: «Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá».

De "A Vinda do Messias em Glória e Majestade" pelo P. Manuel Lacunza

(Século XVIII)

Malogro do Cristianismo?

A. Casaca

Tem-se falado, ultimamente, com insistência, no malogro do Cristianismo. De resto, não é só neste domínio religioso, que se têm erguido vozes díssonas e agourentas proclamando a derrocada de todos os valores tradicionais.

No que diz respeito ao suposto malogro do Cristianismo, diga-se, desde já, que não houve, nem pode haver, nenhum malogro real do Cristianismo. Tal como o seu divino Fundador, Jesus, o Cristianismo é eterno e perpetuamente verídico e válido.

Houve, sim, infelizmente, através dos tempos, má interpretação e má prática consequente, portanto, dos princípios eternos do Cristianismo. Daí resulta o tal «malogro», que não pertence, portanto, ao Cristianismo, mas sim às falsas interpretações que os homens deram e praticaram acerca de

um cristianismo que eles forjaram.

Apenas muito rapidamente vamos apresentar algumas considerações acerca da imutabilidade e eficiência do Cristianismo.

Apontam os apologetas, em primeiro lugar, a primitiva expansão do Cristianismo.

A História diz-nos efectivamente que a expansão do Cristianismo foi rápida, vasta e, em certos limites, irresistível. Basta recordar a extirpação da idolatria que existia no velho mundo romano. Todo esse paganismo clássico ou teutónico caiu perante o Cristianismo.

Podemos recordar, seguidamente, a íntima e radical transformação operada pelo Cristianismo na nossa civilização. Lemos na *Primeira Apologia* de S. Justino Mártir: «... Nós que nos odiávamos e nos matávamos uns aos outros, e em razão da diversidade de costumes nem sequer nos queríamos aquecer ao mesmo lume, agora, depois do advento de Cristo, assentamo-nos à mesma mesa; oramos pelos nossos inimigos e diligenciamos converter aqueles que injustamente nos têm ódio, a fim de que eles vivendo também, segundo os gloriosos preceitos de Cristo, possam ter a mesma esperança de galardão da parte do Senhor de todos».

Cita-se, ainda o poder do Cristianismo de vivificar e restaurar em todos os casos de amortecimento e declinação. Pode dizer-se que o Cristianismo não só foi capaz de penetrar no mundo novo, no mundo moderno, como também foi mais o seu criador do que qualquer outra força.

Também se pode afirmar que o Cristianismo pode oferecer resistência a

Boletim Adventista

Publicação mensal da Igreja Adventista
do Sétimo Dia, em Angola

Director e Editor:
Ernesto Ferreira

Proprietária:
Casa Publicadora Angolana, SARL

Redacção e Administração:
Missão Adventista — C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão:
Missão do Bongo — C. P. 2 - Longonjo

Número Avulso 3\$00
Assinatura Anual 30\$00

ANO XII — ABRIL de 1974 — N.º 136

(Continua na pág. 13)

Observância do Sábado

por Andrew Fearing

(Conclusão)

Viajar ao Sábado

Notastes que a resolução acima mencionada diz «viajar só por prazer, para fins egoístas»? O Senhor dá-nos valiosa instrução neste ponto:

«Temo que muitas vezes empreendamos nesse dia viagens que bem poderiam ser evitadas. De conformidade com a luz que o Senhor nos tem concedido em relação com a observância do Sábado, devemos ser mais escrupulosos quanto a viagens nesse dia, por terra ou por mar ... Pode tornar-se necessário viajar no Sábado; mas sempre que possível devemos no dia anterior comprar a passagem e tomar todas as disposições necessárias. Quando emprendermos viagem, devemos esforçar-nos o mais possível por evitar que o dia da chegada ao destino coincida com o Sábado.» *Testemunhos Selectos*, vol. 3, p. 26.

Não um dia de ociosidade

O Sábado não é um tempo para inactividade, ociosidade ou para dormir.

«A obra no céu não cessa nunca, e o homem não deve descansar de fazer o bem. O Sábado não se destina a ser um período de inútil inactividade. A lei proíbe trabalho secular no dia de repouso do Senhor... mas como Deus cessou o seu trabalho de criar e repousou ao sábado, e o abençoou, assim deve o homem deixar as ocupações da vida diária, e devotar essas sagradas horas a um saudável repouso, ao culto e a boas obras». — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 147 e 148.

«Ninguém se deve sentir na liberdade de gastar tempo santo inutilmente. Desagrada a Deus que os observadores do sábado durmam durante

muito tempo no sábado. Eles desonram a seu Criador em assim fazer e por seu exemplo, dizem que os seis dias são demasiado preciosos para que os empreguem para descansar. Precisam ganhar dinheiro, mesmo que seja roubando-se do sono necessário, que recuperam dormindo durante as horas santas».

Culto

«Seis dias obra se fará, mas ao sétimo dia será o Sábado do descanso, santa convocação...» — Lev. 23:3.

Uma «convocação» é um ajuntamento de pessoas para uma reunião. O Sábado, portanto, é o tempo marcado por Deus para estar com o povo que Ele chamou a Si. Que santa e alegre ocasião! Desejamos inclinar-nos reverentemente em amor e adoração perante o nosso Criador, Salvador e Mantenedor. Por certo que desejamos que cada acto de culto, seja hino de adoração ou louvor, leitura das Sagradas Escrituras, oração e mensagem espiritual, seja apresentado como se na própria presença de Deus. Seremos cuidadosos quanto ao decoro e ordem do culto, salientando particularmente a maneira de levantar a oferta, a distribuição e promoção de literatura, o tratar dos «negócios» da igreja, a fim de que se não anule o espírito de adoração. Alguns têm apresentado o problema de tão pouca gente assistir às sessões administrativas regulares durante a semana e sentem a necessidade de ter uns breves momentos administrativos no Sábado, quando toda a igreja está presente. Não condescendeis com tal prática. Deus honrará esses «poucos» que tomarem as decisões durante as sessões administrativas regulares. Muitos ministros apresentam esta informação por meio de cartas de

igreja, o que elimina a necessidade de ter de apresentar à igreja assuntos que não são apropriados para o Sábado. Assim, as sagradas horas de culto não são profanadas. Com grande cuidado e selecção os anúncios podem ser colocados nos boletins da igreja ou mencionados em voz alta entre a Escola Sabatina e o serviço de culto. Se a congregação é ricamente alimentada do Santo Pão da Palavra de Deus Sábado após Sábado, os crentes serão por sua vez fiéis mordomos da obra de Deus durante a semana.

Vamos à igreja apenas por prazer? Para nos encontrarmos com os amigos? Ter conversas acerca dos assuntos comuns da vida ou até sobre temas religiosos? Não, não. Convidámos Deus a estar connosco nestas breves horas que de toda a semana são especialmente devotadas à adoração do Senhor nosso Deus.

«Ó, vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhem-se diante do Senhor que nos criou». — Salmos 95:6.

«O Senhor está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra.» — Habacuque 2:20.

O teste final

O Sábado é um teste da nossa aceitação de Jesus como nosso Santificador, e mais do que tudo, a aceitação de um relacionamento de amor. É também um teste de se aceitamos Deus como nosso Criador e Senhor, Aquele a Quem damos a nossa obediência. Deus terá um povo que pela Sua graça lhe permitiu cumprir a Sua Lei nas suas vidas. Ele não vai levar para o reino dos céus os rebeldes e pecadores. Os santos de Deus, através do Seu capacitante poder «guardam os mandamentos e a fé de Jesus» (Apoc. 14:12).

Segundo Apocalipse 13:12 «E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada». Adorar implica obediência. Obediência a quê em especial? Através dos anos o inimigo tem influenciado o homem a substituir o Sábado do quarto man-

damento por um dia da sua própria invenção. Deus diz que o Sábado é o Seu próprio sinal ou selo nos Seus santos. A «besta» procurará obter a obediência do mundo inteiro através da sua aderência ao seu símbolo de autoridade — a observância do domingo. Deste modo é um antagonista de Deus. Apocalipse 14:9 e 10 mostra que isto não agrada a Deus e no estudo destes dois capítulos de Apocalipse somos vividamente consciencializados de que o selo de Deus e a marca da apostasia se tornam um assunto de vida ou morte — o teste final.

«A fronteira de demarcação entre os que ostentam o sinal do reino de Deus e os que trazem o do reino da rebelião, deve ser traçada de modo claro e inequívoco.» — *Testemunhos Seletos*, vol. 3, p. 20.

«Como o Sábado se tornou o ponto especial de controvérsia para toda a cristandade, e as autoridades religiosas e seculares se combinaram para impor a observância do domingo, a recusa persistente de uma pequena minoria em ceder à exigência popular, fará com que esta minoria seja objecto de execração universal. Insistir-se-á em que os poucos que permanecem em oposição a uma instituição da igreja e uma lei do estado, não devem ser tolerados; que é melhor que eles sofram do que nações inteiras sejam lançadas em confusão e ilegalidade... expedir-se-á por fim um decreto contra os que santificam o Sábado do quarto mandamento, denunciando-os como merecedores do mais severo castigo, e dando ao povo liberdade para, depois de certo tempo, matá-los». — *O Conflito dos Séculos*, pp. 452 e 453.

Conclusão

«Bem-aventurado o homem... que se guarda de profanar o Sábado». — Isaías 56:2.

Sem qualquer legalismo, Deus estabeleceu princípios básicos que são uma alegria e um deleite seguir se O servimos porque O amamos. Da união com o Senhor no Seu dia virá refrigé-

(Continua na pag. 15)

Página da Juventude



A vida nos tempos do Velho Testamento

Por Manuel Nobre Cordeiro

Nos primórdios da era patriarcal de Israel o povo vivia uma vida semi-nómada dependente da família mais numerosa da clã e da tribo de quem dependiam para protecção.

A principal ocupação do povo neste período era a pastorícia. Possuíam grandes rebanhos de ovelhas e de cabras e deles se sustentavam, basicamente. O leite destes rebanhos usavam-no sob diversas formas: como bebida, em queijo, iogurte e manteiga. As peles destes animais, que costumavam abater, para também lhes servir de alimento a sua carne, fabricavam, ainda que toscamente, o seu vestuário. Porque precisavam de buscar constantemente melhores pastos para os seus rebanhos, mudavam-se frequentemente de lugar para lugar daí resultando a vida semi-nómada que viviam. A cabeça da família era o pai.

Quando, entretanto, os israelitas se tornaram agricultores e habitantes de cidades, a dependência para com a família mais numerosa tornou-se menos importante e o sentimento que os havia mantido unidos passou a ser mais difícil de manter. A natureza do seu sistema tribal era o da confederação de clãs unidas em concertos com Jeo-

vá. Este concerto não só criava a sua sociedade como a mantinha unida.

Israel em Canaã

O Israel que primeiramente habitou na Palestina não era de maneira nenhuma uma nação, mas uma liga tribal. Uma livre confederação de clãs unidas umas às outras através do culto a Deus, comum a todas. Não havia qualquer estado ou governo central, nem cidade capital ou corpo administrativo. As várias tribos gozavam completa independência de qualquer autoridade central. Eram unidades independentes dentro de si próprias. A sociedade tribal, era patriarcal na sua organização, livre da característica do padrão feudal de Canaã. No seio das clãs havia o reconhecimento da autoridade moral dos «sheikhs» ou anciãos, mas faltava-lhe uma autoridade organizada. Estes anciãos, em virtude da sua posição, julgavam as disputas que surgiam de acordo com o procedimento tradicional e eram admirados pela sabedoria dos seus conselhos. A sociedade não mantinha qualquer distinção de classes. Não havia, portanto, larga separação entre ri-

cos e pobres, governos e súbditos, mas uma completa democracia característica da vida semi-nómada.

O lugar principal das clãs era o Santuário onde estava a Arca do Concerto, que eram mudados de lugar, para lugar, de acordo com as peregrinações do povo, até que veio a ser estabelecido definitivamente em Siló (I Samuel 1-4). Ali se reuniam os homens das várias tribos em dias de festa a fim de buscarem a presença do seu Deus, Jeová, e renovar a sua aliança para com Ele, bem como ajustar assuntos de controvérsia e interesses mútuos entre as clãs. Nestas reuniões cada tribo estava representada pelo seu líder que, devido à sua posição, permanecia sob protecção divina especial (Exod. 22:28). Esta estrutura tribal correspondia perfeitamente à ideia do povo do Concerto e pode ser considerada como resultando disso. A Liga do Concerto era uma irmandade governada somente pelo Deus do Concerto.

○ período dos Juízes

Durante o período dos juízes as clãs mantinham uma existência precária, rodeada de inimigos, mas sem governo, autoridade central ou organização de estado de qualquer sorte. Em ocasiões de perigo aparecia um herói, chamado Juíz, sobre o qual «vinha o Espírito do Senhor» (Juízes 3:10). Então congregava as clãs vizinhas e assim juntos repeliavam o inimigo. Esta era uma chamada para combater a Guerra Santa de Deus. Embora o Juíz ganhasse grande prestígio com as suas vitórias, não era de modo nenhum um rei. Ele era o condutor voluntário das tribos à batalha. Não possuía qualquer exército, tribunal ou Assembleia Administrativa de qualquer espécie. A sua autoridade também não era absoluta, nem permanente ou hereditária. Tal autoridade repousava apenas nas qualidades pessoais que evidenciassem ser ele um homem com o Espírito de Jeová e que o tornassem o homem do momento. Era um tipo de autoridade que bem representava a primitiva Teocracia de Israel: o governo directo de Deus

sobre o Seu povo, através do Seu representante designado.

Este período dos Juízes foi para Israel um período de adaptação, ajustamento e consolidação, no qual o estabelecimento, propriamente dito, representou a transição duma vida semi-nómada para a agrária. Embora isto não fosse conseguido com uniformidade, Israel, dum modo geral, tornou-se, com admirável rapidez, numa nação de pequenos fazendeiros ou agricultores. Isto significou certo melhoramento económico, a Arqueologia abundantemente tem mostrado.

O estabelecimento também trouxe os israelitas em contacto com a superior cultura material e a religião dos cananeus, a qual viria a ser tão portentosa para levar Israel à apostasia. Esta apostasia foi devida, em grande medida, em virtude dos israelitas observarem melhores condições de vida nos cananeus. E porque os cananeus adoravam deuses de fertilidade das culturas, os israelitas tornando-se agricultores também buscaram estas divindades pensando que isso os ajudaria na fertilidade das suas culturas.

Evidências da arqueologia claramente testificam o facto de que os cananeus possuíam um modo de vida superior ao dos israelitas. Escavações têm comprovado que as casas dos israelitas e outras construções eram muito mais pobres em comparação com a dos cananeus. Os cananeus também já possuíam nesta altura um bem organizado sistema de governo e exército.

Israel, contudo, não abandonou imediatamente a sua antiga maneira de viver. Pelo contrário, cerca de duzentos anos após a conquista tal ordem ainda persistia. Israel permaneceu uma liga tribal, uma união racial e religiosa, mas não uma união político geográfica. Não organizou qualquer estado ou fez qualquer esforço nesse sentido. Israel, especificamente, não iniciou a cidade-estado, padrão de Canaã.

Com o estabelecimento dos filisteus na costa da Palestina o sistema carismático, isto é, da orientação divina, ficou sujeito a um servo teste. A conquista israelita, humanamente falando,

do, havia sido possível, porque os estados minúsculos cananeus não ofereciam resistência unida e nunca Israel se teve de frontar com um bem organizado estado militar. Mas os filisteus eram-no precisamente. Povo bem armado e disciplinado militarmente. Assim começaram gradualmente a dominar a Palestina. Em face desta emergência foi dado o primeiro passo no sentido dum estado central. Foi feito com relutância e terminou em fracasso.

Israel durante o tempo do reino

Foi no tempo de David que surgiu um Israel novo e diferente. David salvou o seu povo, invertendo a sua condição de vida e conduziu-o a inacreditáveis cumes de glória.

Logo que David foi aclamado rei iniciou um curso de acção que transformou completamente a situação de Israel. Em poucos anos Israel transformou-se de uma liga desorganizada de tribos, lutando por sua existência, numa nação da vanguarda da Palestina e da Síria.

Tudo isto representou uma mudança fundamental a qual afectou toda a estrutura da sociedade israelita. O povo israelita, como o povo escolhido de Jeová, havia-se tornado no reino de Israel, os cidadãos do estado de David. Pouco restou da antiga sociedade. A liga tribal dera lugar ao estado centralizado no rei.

O processo alcançou o seu apogeu quando Salomão aboliu virtualmente a Liga tribal e a substituiu pelos doze distritos administrativos sujeitos à coroa. Assim o povo do Concerto de Jeová tornou-se o povo do estado de Salomão. No processo o sistema carismático deu lugar à dinastia, e isto, também, foi uma mudança gradual e inevitável.

Israel ficou rico como nunca antes e os grandes empreendimentos públicos que se iniciaram empregou a milhares de pessoas.

Israel, que tinha passado da vida semi-nómada para a agrária a quando da conquista, estava agora tornando-

-se uma sociedade comercial com uma considerável super-estrutura industrial. Como havia riqueza, alguns enriqueceram, enquanto outros, especialmente por contraste, se tornaram mais pobres ainda.

O estado trouxe a idade áurea para Israel. Numa curta geração havia-se transformado duma liga desorganizada de tribos, lutando por sua existência, numa nação unida e cónscia de si mesma, de relevante importância no mundo. A terra prometida por tanto tempo desejada estava agora pela primeira e última vez nas mãos dos israelitas, um facto que Israel jamais esqueceu. A sua literatura e cultura floresceram como nunca antes. Sua prosperidade material era também sem paralelo. Era motivo de orgulho ser-se israelita nesse tempo.

Embora se tivessem obtido todos estes êxitos, durante o reino de Salomão, os quais tiveram preponderante na mudança radical do modo de vida israelita, como atrás citado, eles também contribuíram, e duma maneira particular através do próprio rei Salomão, para a apostasia do povo, com a sua edificação de vários templos dedicados às várias divindades das suas numerosas mulheres. A pureza da antiga fé israelita foi assim perdida de vista. Contudo, Salomão sempre foi lembrado como o edificador do sumptuoso Templo de Jerusalém dedicado a Jeová.

Os projectos de Salomão levaram centenas de pessoas a deixarem as aldeias e a virem para as cidades, contribuindo assim para o crescimento destas. Isto elevou o nível de vida da nação. A influência estrangeira deu lugar à cultura urbana desconhecida em Israel até este tempo.

Israel depois do reino de Salomão

Após a morte de Salomão o reino de Israel foi despedaçado. O prolongado cisma entre Judá e Israel conduziu o povo a práticas pagãs e Jeová tornou-se na mente de muitos, semelhante a Baal. As revoltas constantes aniquilaram toda a liderança a nacional. As

alianças com a Fenícia e Judá, que estavam na base da prosperidade alcançada, ruíram imediatamente.

Durante o reino de Jeroboão II Israel voltou à sua glória perdida, mas não com o mesmo esplendor. As rotas comerciais que Salomão havia controlado estavam de novo em mãos israelitas. O porto de Elate no mar Vermelho foi também restaurado (II Reis 14:22). O comércio além mar, para o sul, de novo floresceu. Mas, como no tempo de Salomão, a sociedade estava enferma, e agora esta enfermidade era para morte. Assim veio a queda de Samaria e o cativo de Israel na Assíria. Poucos anos mais tarde veio também a queda de Jerusalém e o cativo de Judá em Babilônia. (II Reis 17:6-23; 25:1-22).

O profeta Amós mostra-nos o cisma da sociedade em cada detalhe. Havia riqueza com toda a sorte de luxúria, mas por outro lado amarga e desesperada pobreza. Havia avareza e venalidade que não conheciam limites, as quais colocavam as riquezas acima dos homens e de Deus. A religião estava, igualmente, enferma (Amós 4:4-5). Os ricos reuniam-se, em multidão, como adoradores nos santuários, mas isso constituía apenas uma tentativa mecânica de comprarem o favor material de Deus com suas ofertas materiais. Era tolerada a mais grotesca imoralidade (Amós 2:6-8; Oséias 4:4-14).

Há toda a evidência de que Israel durante a dinastia de Onri gozara de uma considerável prosperidade material, mas que a sorte dos camponeses havia deteriorado. Há sinais duma desintegração progressiva da estrutura da sociedade israelita e de um rude sistema que tendia a colocar os pobres sob a mercê dos ricos.

A vida doméstica dos Israelitas durante todo este tempo

Vejamos agora a estrutura familiar do povo hebreu que permaneceu quase o mesmo padrão durante todo este

tempo.

A cabeça da família israelita era o marido ou pai que possuía em muitos casos duas ou mais mulheres. Seus filhos eram, desta maneira, meios-irmãos ou irmãs, consoante o caso e isto causava ciúmes e inveja entre eles e por sua vez estes sentimentos antagônicos afectavam também suas mulheres, através dos filhos destas. É de admirar que apesar de tudo isto a família israelita continuasse unida.

A estabilidade da família era, evidentemente, baseada na autoridade do pai, que governava suas mulheres e filhos como sendo sua propriedade. Podia vender suas filhas ou condenar à morte qualquer filho desobediente. Podia divorciar-se duma mulher sem lhe dar qualquer explicação ou aceitar qualquer responsabilidade no seu sustento. Não podia, todavia, vender seus filhos, mas podia, e assim fazia, arranjar seus casamentos.

A letra rigorosa da Lei, o estado da mulher israelita não podia ser pior. Não podia deixar seu marido, porque lhe pertencia, como se fosse uma ovelha ou cabra. Não podia herdar qualquer propriedade e assim sua condição na viuvez é constantemente referida no Velho Testamento à dos órfãos e dos pobres. Todavia, a vida quotidiana, era mais humana do que a restricta letra da Lei, e de facto, a sorte da mulher israelita parece ter sido raramente tão má como teóricamente possa parecer ter sido.

Parece certo, contudo, de que o israelita que era fiel à religião de Moisés casava com uma única mulher, de acordo com o ideal explícito nos ensinamentos dos profetas. O homem pobre, em caso algum, tinha mais de uma mulher, porque o pagamento duma noiva tinha de ser feito a seu pai ou tutor. Apenas os reis e ricos podiam ter tantas mulheres quantas desejassem, usualmente mais de duas. Os israelitas costumavam casar cedo. Na média, um homem era pai aos 19 anos de idade, avô aos 38 e bisavô aos 57.



O que é um Missionário?...

Dr. J. S. Melim

A PALAVRA missionário é geralmente empregue para significar um indivíduo que é enviado para pregar o evangelho num país diferente do seu, a um povo estranho. Acostumámo-nos a este significado da palavra e, nas nossas orações e conversação, empregamo-la quase sempre assim.

Existe, contudo um sentido mais amplo desta palavra. Este sentido está implicado na seguinte definição de igreja: «A Igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e a sua missão é levar o evangelho ao mundo.» (*Actos dos Apóstolos*, pág. 9).

Segundo esta definição, Deus tinha em mente um grande e único objectivo ao fundar a Sua Igreja: a salvação de almas mediante o evangelho de Jesus Cristo. Esta é a sua missão.

A Igreja é, além disso, uma sociedade de indivíduos. Sobre estes repousa a responsabilidade de cumprir a missão da Igreja. Eles são missionários.

Neste sentido mais amplo, a palavra missionário inclui, por conseguinte, não somente os indivíduos enviados a um país estrangeiro, mas e sobretudo, cada membro da Igreja.

«Todo o verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário».

(*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 138)

A conclusão a tirar destas observações preliminares é que nós somos membros da Igreja e portanto parte de Cristo, somente na medida em que levamos o evangelho aos que o não conhecem.

Examinemos agora uma outra implicação derivada da relação existente entre as palavras igreja e missionário.

A palavra traduzida por igreja nas nossas Bíblias portuguesas é *Ekklesia*. O francês *église* e o espanhol *iglesia* derivam dessa palavra. A palavra grega *Ekklesia* é formada por dois elementos, a preposição *ek* que significa *de, fora de, longe de*, e um particípio do verbo *kaleo*, que quer dizer *chamar*. A palavra *Ekklesia* pode pois significar: os chamados *de* (qualquer dos significados da preposição *ek* se adapta à definição). A inferência é que, no Novo Testamento, a palavra pode ter sido usada para significar a sociedade daqueles que o Senhor chamara do mundo (*fora, longe do mundo*), para a Sua maravilhosa luz.

A palavra missionário deriva do gerúndio do verbo latino *mittere* (enviar) e significa, etimologicamente, o que é enviado.

Deste pequeno estudo sobre a etimologia dos vocábulos igreja e missionário, pode deduzir-se o seguinte:

1.º Homens e mulheres são chamados do mundo; assim se forma a Igreja;

2.º Aqueles que aceitam o chamado do Espírito Santo para saírem do mundo, e se unem à Igreja, são depois enviados novamente ao mundo.

A Igreja deve, pois, servir um duplo objectivo:

1.º Instruir e educar os que são chamados do mundo, dando-lhes uma preparação e fundamentos sólidos na ciência de salvar almas;

2.º Enviá-los de novo ao mundo, levando consigo e dentro de si o evangelho, a fim de chamar do mundo os que hão-de crer em Cristo.

A Igreja torna-se assim uma espécie de estação de serviço. Depois de instruir e enviar os seus missionários, ela deve estar apta a enchê-los com novo ardor, visão renovada e força para novamente saírem, de cada vez que voltam da sua missão. Para cumprir esta missão, a Igreja serve-se da pregação do dia de sábado, da Escola Sabatina, da reunião de oração, das reuniões de jovens.

Missionário algum poderá manter-se fiel ao seu chamado, se negligenciar qualquer destes meios.

Um terceiro ponto a deduzir em relação à palavra missionário, pode ser inferido de uma comparação entre os sentidos restritos e lato desta palavra, mencionados acima.

Vimos que, no sentido restrito, missionário é aquele que leva o evangelho a um país e a um povo diferente dos seus. A sua tarefa é difícil. Diferenças de linguagem, de cultura e educação, frequentemente fazem com que ela pareça impossível de cumprir. O missionário tem de compreender a sua inteira dependência de Deus; e, para que a sua tarefa tenha bom êxito, ele tem de ter encontrado o segredo da oração constante e perseverante que o manterá em comunhão íntima com o Céu.

No sentido mais lato, vimos que a palavra missionário envolve cada um dos membros da Igreja. O membro da

Igreja foi chamado do mundo ao qual pertencia e, quando é reenviado ao mundo, já não lhe pertence. Como o missionário enviado a um país estranho, o membro da Igreja é enviado a um mundo cujos costumes, gostos e linguagem já não reconhece como seus. No mundo ele é um peregrino, um embaixador de um outro país, de uma cidade com fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus. Ao mundo ele vai, levando o exemplo de uma vida transformada e a Palavra poderosa do seu novo Mestre. No mundo ele é considerado um estrangeiro. A sua linguagem é diferente, os seus costumes e gostos são peculiares. A sua tarefa é difícil. Ele tem de depender constantemente de Deus e terá bom êxito apenas na medida em que mantiver intacta a sua comunhão com o Céu.

Quem é um missionário? És tu, prezado irmão, prezada irmã, querido jovem, quem quer que sejas, proprietário, barbeiro, secretária ou dona de casa. Sou eu. O grito da hora é de consagração total para evangelismo total. Este evangelho deve ser levado a toda a criatura nesta geração. Nesta hora em que a luz do anjo de Apocalipse 18 deve iluminar o mundo com a sua glória, qual é o teu trabalho, meu irmão? Se permitirmos que o Espírito Santo governe as nossas vidas, responderemos como o fez um outro missionário: «Conserto sapatos para ganhar o pão de cada dia, mas o meu trabalho é pregar o evangelho»!

«Longamente tem Deus esperado que o espírito de serviço se apodere de toda a igreja, de maneira que cada um trabalhe para Ele segundo a sua habilidade. Quando os membros da igreja de Deus fizerem a obra que lhes é indicada nos necessitados campos nacionais e estrangeiros, em cumprimento da comissão evangélica, todo o mundo será logo advertido, e o Senhor Jesus retornará à Terra com poder e grande glória. E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim. S. Mat. 24:14». (Actos dos Apóstolos, pág. 11).

O perigo de rejeitar a Verdade

por Ellen G. White

Depois do derramamento do Espírito Santo, os discípulos, vestidos da armadura divina, saíram como testemunhas, para contar a maravilhosa história da manjedoura e da cruz. Eram homens humildes, mas saíram com a verdade. Após a morte de seu Senhor eram um grupo indefeso, desapontado e desanimado — como ovelhas sem pastor; mas agora saem como testemunhas da verdade, sem outra arma senão a Palavra e o Espírito de Deus para triunfar sobre toda a oposição.

Seu Salvador fora rejeitado e condenado, e pregado na ignominiosa cruz. Os sacerdotes judeus e príncipes haviam declarado com escárnio: «Salvou os outros, e a Si mesmo não pode salvar-Se. Se é o rei de Israel, desça agora da cruz, e creremos n'Ele». Mas essa cruz, esse instrumento de vergonha e tortura, trouxe esperança e salvação ao mundo. A igreja reuniu-se; seu desespero e consciente inutilidade os abandonara. Seu carácter fora transformado e eles se uniram pelos laços do amor cristão. Embora não tivessem riquezas, embora fossem contados pelo mundo como meros pecadores ignorantes, foram feitos pelo Espírito Santo testemunhas de Cristo. Sem honras ou reconhecimento terrenos, eram os heróis da fé. De seus lábios saíram palavras de eloquência e poder divino que abalaram o mundo.

O terceiro, quarto e quinto capítulos de Actos dão um relato do seu testemunho. Os que rejeitaram e crucificaram o Salvador esperavam ver os discípulos desanimados, abatidos e prontos para negar a Seu Senhor. Com espanto ouviram o testemunho claro e ousado, sob o poder do Espírito. As palavras e obras dos discípulos representaram as palavras e obras de seu

Mestre; e todos os que ouviram diziam: Estes aprenderam de Jesus. Eles falam como Ele falava. «E os apóstolos davam com grande poder testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça»...

De tempos a tempos o Espírito Santo revelará a verdade por meio de Seus instrumentos escolhidos; e nenhum homem, nem mesmo um sacerdote ou autoridade, tem o direito de dizer: Não dareis publicidade às vossas opiniões, porque não creio nelas. O maravilhoso «eu» pode tentar derribar os ensinamentos do Espírito Santo. Por algum tempo podem os homens tentar sufocá-los e matá-los mas isso não tornará o erro verdade nem a verdade erro. A mente inventiva dos homens tem adiantado opiniões especulativas em vários sentidos, e quando o Espírito Santo deixa a luz brilhar no espírito humano, não respeita todos os pontos da aplicação do homem à Palavra. Deus impressionou a Seus servos para dizerem a verdade sem tomarem em consideração o que os homens supunham ser a verdade.

Mesmo os adventistas do sétimo dia correm o perigo de fechar os olhos à verdade conforme ela é em Jesus, porque contradiz algo que eles supunham ser a verdade, mas que o Espírito Santo ensina ser. Sejamos todos bem modestos, e procuremos com o maior fervor pôr o eu fora de questão, e exaltar a Jesus. *Na maior parte das controvérsias religiosas o fundamento da dificuldade é que o eu se esforça pela supremacia. Acerca de quê? — Acerca de questões que não são absolutamente pontos vitais, e que apenas assim são considerados porque os homens lhes têm dado importância. — Testemunhos para Ministros, pág. 66-71.*

HONTEM, HOJE E AMANHÃ

pelo Dr. Mervyn G. Hardinge Director da revista americana
«Life and Health»

A América de hoje, tal como um crescente número de países tecnologicamente avançados, oferece aos seus cidadãos um modo de vida caracteristicamente diferente daquela que existia há 25, 50 e, certamente, 100 anos atrás. Fui criado numa província do Noroeste da Índia, no que hoje se designaria por «um ambiente extremamente primitivo». Recentemente foi meu privilégio visitar algumas comunidades rurais em vários países africanos onde, tanto quanto se possa observar, poucas ou nenhuma modificação se têm operado através dos anos. Mas, nas maiores zonas metropolitanas do mundo, tudo se tem modificado, e modificado dramaticamente. Nas aldeias primitivas, as realidades da vida apresentam o seu aspecto rígido e despido de artifícios. Ocasionalmente, algum vendedor ambulante pode atrair o seu auditório, descrevendo certo objecto de utilidade, o qual se obtém por determinado preço. Os doentes podem ainda obter as poções mágicas do feiticeiro ou de algum curandeiro da vizinhança.

O homem primitivo sempre lutou para vencer dificuldades e combater os problemas que o envolviam a cada passo. Com o aumento do conhecimento e a moderna revolução industrial, o homem descobriu uma multidão de maneiras para bastar às suas necessidades e desfrutar o prazer. Desenvolveu também uma filosofia sem paralelo, segundo a qual todo o desconforto, tanto físico como emocional, é desnecessário e deve ser eliminado. Com uma crescente compreensão da fisiologia e do poder das drogas para alterar as funções do corpo, é agora possível dispor duma enorme quantidade de produtos químicos que vai sempre aumentando e serve para modificar o desconforto ou o sofrimento

físico e mental, do berço até à sepultura. Não existe nenhum problema comum, para o qual não se ofereça alguma droga aliviadora. Para a caspa, há um *shampoo* medicinal; para a vontade de coçar a pele demasiado seca, há a loção apropriada; para a prisão de ventre, há laxativos; e, para prender os intestinos, existem agentes. Para os espirros e a dificuldade em respirar, há gotas nasais e aerosóis. Ninguém necessita de sofrer por ter comido demais, pois os produtos químicos poderão ligar ou desligar o mecanismo que produz os gases, neutralizar os ácidos, ou acidificar o que é alcalino. São abundantes os remédios para dores de cabeça e as tensões podem compor-se à vontade de cada um. Há sempre a chávena de café para ajudar a despertar e uma pílula para ajudar a dormir. A gama de tranquilizantes, sedativos e hipnóticos oferecidos como a solução para os problemas da vida diária confundem a imaginação. As drogas oferecem felicidade e esperança a todas as necessidades físicas, mentais ou emocionais. Cada casa tem, não uma, mas vários armários de farmácia que se conservam cheios graças aos anúncios gritados pela televisão e aos coloridos anúncios das revistas.

A subtil forma de educação desenvolvida durante a última metade de século produziu centenas de milhares de diplomados presos às drogas que afectam a mente. Encarar os problemas da vida, de cabeça levantada e queixo erguido, parece coisa antiquada e sem importância. As receitas para drogas são as munições comuns com as quais a civilização combate os seus problemas do dia a dia.

Considere-se o que os Americanos consomem cada vinte e quatro horas: 50 toneladas de cafeína, 27 toneladas

de aspirina, 2 a 3 toneladas de barbitúricos, 3 toneladas de tranquilizantes, 3 de outros sedativos e quase 1000 toneladas de álcool. Não é de admirar que as próprias crianças e os jovens estejam a cair na armadilha de tratar os seus desapontamentos e preocupações com qualquer antídoto químico já pronto e à sua disposição!

Qual é a resposta? Que podemos fazer? As respostas são claras e muitas são as coisas que se podem fazer. Enfrentemos a vida como ela é, esperando tanto sol como sombra, felicidade como tristeza. O *slogan* «Isto também há-de passar!» pode ajudar muitos de nós a dispensar o químico lenitivo, «aguentando» simplesmente a dificuldade. Um modo de vida, em que se prevejam problemas e, ao mesmo tempo, se possua a fé e a confiança de que eles podem ser vencidos, trará uma paz e uma satisfação que nem sedativos nem tranquilizantes jamais poderiam oferecer. Os esforços para modificar aquilo que pode ser modificado e aceitar aquilo que o não pode têm muito que ver com a obtenção dessa paz interior que nenhuma droga pode dar. O cuidado com o nosso corpo por meio do seu uso judicioso, incluindo exercício e descanso e alimentação apropriada, ajudar-nos-á a vencer muitas dessas «pequenas doenças» que hoje é hábito serem tratadas com drogas «milagrosas».

Compreendendo que a vida tem os seus altos e baixos, não permitamos que as suas irritações e frustrações fiquem na mó de cima. E não nos deixemos seduzir com a destruição do nosso estado consciente pelo uso de um antídoto químico. Em vez disso, olhamos para os benefícios oferecidos pelas simples leis da vida e para a paz e a tranquilidade que o Criador dessas leis promete àqueles que tenham o desejo de obedecer.

«Os cristãos são a única Bíblia do mundo para muitos, que não têm outra para ler».

Gray and Adams

O Malogro do Cristianismo

(Continuação da pág. 2)

todos os assaltos de dissolução espiritual.

O Cristianismo dispondo sempre da assistência do seu divino autor possui todos os elementos para realizar a missão que lhe foi confiada: a de pregar a Mensagem da Salvação, de acordo com a LEI DE DEUS.

Mas o Adversário do género humano, inimigo de Deus e da Sua Lei, instigou os homens, no decorrer dos tempos, para a mentira e para a corrupção da Mensagem da Salvação.

Paulatinamente se introduziram erros gravíssimos adentro do Cristianismo desvirtuando-o e quase que o alterando essencialmente.

Daí a proclamação do «malogro do Cristianismo».

No movimento quinhentista da Reforma surgiram novos rebates para recompor a doutrina cristã.

Não foi suficiente o movimento da Reforma para repor as coisas no seu devido lugar.

Era necessário que a LEI DE DEUS fosse novamente indicada ao homem mas anunciada na sua plenitude.

Surgiu assim a confirmação da profecia da Triplice Mensagem Angélica do Apocalipse, com o aparecimento da Igreja Adventista.

A nossa missão, prezados Irmãos, é, precisamente a de demonstrar ao Mundo que o Cristianismo nunca se malogrou nem se pode malograr, porque é de origem divina.

Reconhecemos, também, que houve malogro, mas tal malogro deu-se na falsa interpretação do Cristianismo.

De acordo com o mandado do nosso Salvador, vamos, pois, prezados Irmãos, levar com todo o entusiasmo, a toda a parte que nos for possível, a Mensagem do Advento, ensinando e praticando tudo quanto recebemos do nosso divino Salvador, que bem depressa virá cumprir a sua promessa relativa à Sua Segunda Vinda.

Notícias do Campo

Breves notícias da Divisão Euro-Africana

A escola secundária de Phoenix, ilhas Maurícias, organiza uma classe bíblica nas sextas-feiras à tarde, fora do horário, frequentada por vários alunos mais idosos não adventistas. Um dos professores tem também uma classe bíblica nos sábados à tarde, para cerca de 25 rapazes entre os 14 e os 18 anos. Nessa classe são respondidas importantes perguntas sobre as verdades ensinadas pela igreja.

Nos exames oficiais levados a efeito pela Universidade de Cambridge, 55% dos candidatos da escola secundária de Phoenix passaram nas seis cadeiras requeridas. Também 36% foram bem sucedidos em quatro ou cinco cadeiras e receberam um Certificado Geral de Educação. Estes resultados são-nos muito favoráveis em comparação com a média nacional e dão uma boa reputação académica à nossa escola.

Durante a época de Outono-Inverno, um grupo de 103 pastores na República Democrática Alemã, incluindo presidentes de Associação, realizaram campanhas evangelísticas em 125 igrejas, num total de cerca de 1350 reuniões religiosas. Neste país todas as reuniões públicas são feitas nas igrejas adventistas locais, e os ouvintes interessados assistem por convite pessoal de pessoas amigas.

120 estudantes adventistas de várias universidades em França reuniram-se no Seminário de Colonges, em Novembro, para o seu círculo de estudo e discussão anual de fim de semana. O tema geral foi o movimento carismático e foram oradores J. R. Zurcher, P. Augendre, J. Lavanchy e G. Stéveny. O tema proposto para 1974 é a vital questão da Vida Espiritual e fizeram-se planos para um activo esforço missionário entre os seus colegas universitários.

A Rádio Mundial Adventista, emissão de Portugal, recebe cartas de 40 países diferentes que vão desde a Austrália à Jugos-

lávia e da Rússia até à Argentina. Um número animador de inscrições nos diversos cursos de Bíblia por correspondência é proveniente dos países de língua árabe do Norte de África.

Delegados de dezanove nacionalidades diferentes estiveram presentes no Conselho Anual da Divisão, representando doze línguas principais. Durante as sessões utilizaram-se o inglês, o francês e o alemão, uma delas ouvindo-se através de auscultadores, além de outras traduções sempre que era necessário.

O objectivo de 12 000 baptismos para toda a Divisão foi facilmente excedido, e fixou-se um alvo maior de 15 000 para 1974. O número de membros baptizados na Divisão EuroAfricana excede agora 200 000.

A Missão das Ilhas Seychelles foi transferida da Divisão Transafricana para a nossa, fazendo agora parte da União do Oceano Índico com Madagáscar, Reunião e Maurícia.

Preparam-se planos para uma celebração especial do centenário da chegada de J. N. Andrews à Europa em 1874.

Foi designada na Divisão Euro-Africana uma comissão de educação directamente dependente do Conselho Universitário (*Board of Regents*) da Conferência Geral. A sua principal função será de manter e supervisionar as normas da educação adventista nas muitas escolas que fazem parte do nosso campo.

As quatro escolas de igreja em Espanha inscreveram este ano 303 alunos que são instruídos por 13 professores.

Foi aberta ao público uma igreja, com

lugares para 180 pessoas, em Sabadell, na província espanhola da Catalunha.

O Seminário de Bogenhofen, na Áustria, dedicou um dia por semana para os estudantes poderem realizar colportagem-evan-gélica de porta a porta.

A Federação da França do Norte teve no passado alguns obstáculos financeiros no que respeita ao plano de construção de novos templos. Mas agora uma nova perspectiva está perante os seus olhos:

Reuniões públicas sobre «A Arqueologia e a Bíblia» têm atraído grandes audiências em Annecy e Lião. Uma média de 250 pessoas assistiram em Annecy, onde as conferências tiveram lugar num belo auditório de mais de 400 lugares. Na cidade de Lião houve uma assistência de 540 pessoas, 36 das quais estiveram presentes no primeiro seminário de Bíblia, realizado no Sábado seguinte. Nessa tarde de 2 de Março havia 59 pessoas que seguiam com muito interesse a apresentação do tema «A Imortalidade da Alma».

Uma revista africana não periódica vai ser lançada nos prelos da União Africana

Equatorial e aparecerá de duas a quatro vezes por ano. O seu conteúdo será assuntos de saúde, educação e religião. O director é Aimé Cosendai.

O trabalho que estava sendo feito com a tenda em Palermo, na Itália, foi agora transferido para Igreja, a algumas centenas de metros do local onde ela estava erigida. É S. Cortesi quem vai continuar a campanha de evangelização, que também foi o tradutor de A. Schmidt nas últimas séries de conferências.

Três bem conhecidos obreiros italianos atingiram a idade da aposentação. São eles: Silo Agnello, presidente da Federação Italiana durante sete anos; Mário Vicentelli, que foi Secretário-Tesoureiro durante dezasseis anos; e Riccardo Bongini, também presidente de Missão durante vários anos. Certamente que se irá sentir muito a falta destes homens, mas eles continuarão a ser uma fonte de inspiração e conselho para os obreiros mais novos.

Edouard Naenny, secretário de Publicações da Divisão, preparou uma interessante montagem audiovisual que se destina a programas de recrutamento de novos colportadores evangelistas na Alemanha e na França.



Observância do Sábado

(Continuação da pág. 4)

rio espiritual e coragem para enfrentar os fardos da vida com renovado vigor. O Sábado torna-se uma bênção para a semana que passou e uma promessa de bênçãos para a semana vindoura. Em nenhuma outra experiência pode o homem encontrar tão doce comunhão com o Seu Criador e satisfatório companheirismo com a família de crentes. J. I. Robinson disse há alguns anos que o santo dia de Deus

era como um oásis no deserto da vida. Cada Sábado traz àqueles que guardam esse dia uma refrescante corrente da água da vida e uma porção do Pão da vida que satisfaz a alma, dando novo vigor e vitalidade a todo aquele que aprendeu o verdadeiro significado da observância do Sábado.

Quem estará ao lado do Senhor? Tomai agora uma decisão para toda a vossa vida e para a eternidade.



já conhece JESUS e o Seu Plano ?

então sintonize o seu Receptor em

A VOZ DA PROFECIA